



O ARQUIVO PESSOAL DA PROFESSORA PÓRCIA GUIMARÃES ALVES (1917-2005): UM SUPORTE PARA A ESCRITA DE SI

Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira¹
Alexandra Ferreira Martins Ribeiro²

Resumo

A prática cultural de compor um arquivo pessoal pode ser demarcada a partir do século XVIII, oriunda da relação que o indivíduo moderno estabeleceu com seus documentos e a produção de uma memória de si. Essas ações estenderam-se durante o século XIX e século XX, porém foram impactadas pelas mudanças ocorridas na produção de suportes para tal atividade, nas modificações no setor da comunicação e na expansão da prática da leitura e da escrita. Nascida no início do século XX, a professora Pórcia Guimarães Alves constituiu um vasto arquivo – o qual contém documentos forjados nos espaços públicos em que frequentou e outros produzidos em seu ambiente privado – cuja composição serviu de suporte material para uma escrita de si da docente. Dessa forma, o artigo procurou responder: Qual a escrita de si, dada a ler, que o ordenamento e o conteúdo do arquivo pessoal da professora Pórcia Guimarães Alves (1917-2005) proporcionam? O artigo objetivou analisar a escrita de si expressa no arquivo pessoal de Pórcia Guimarães Alves (1917-2005) e delimitou os objetivos específicos em: descrever alguns aspectos e conteúdo do arquivo da professora; procurar possíveis lógicas oriundas da docente para o ordenamento do material guardado em seu arquivo; e sistematizar seu arquivo pessoal, a fim de buscar a escrita de si nele contido. A pesquisa documental contou com o arcabouço teórico-metodológico de Gomes (2004); e Artières (1998). Os resultados levam a crer que no processo de constituição do arquivo pessoal, a professora elaborava uma representação de si ao mesmo tempo em que constituía sua identidade.

Palavras-chave: História da educação. Pórcia Guimarães Alves (1917-2005). Arquivos pessoais. Escrita de si.

THE PERSONAL ARCHIVE OF PROFESSOR PÓRCIA GUIMARÃES ALVES (1917-2005): A SUPPORT FOR SELF-WRITING

Abstract

The cultural practice of composing a personal archive can be demarcated from the eighteenth century, derived from the relationship that the modern individual established with his documents and the production of a memory of himself. These actions extended during the nineteenth and twentieth centuries, but were impacted by changes in the production of media for such activity, changes in the communication sector and the expansion of reading and



writing practice. Born in the early twentieth century, Professor Pórcia Guimarães Alves had a vast archive - containing documents forged in the public spaces where she attended and others produced in her private environment - whose composition served as material support for a writing of the teacher. In this way, the article sought to answer: What is the self-writing, given to read, that the ordering and content of the personal archive of Professor Pórcia Guimarães Alves (1917-2005) provides? The article aimed to analyze the self-writing expressed in the personal archive of Pórcia Guimarães Alves (1917-2005), and delimited the specific objectives in: describing some aspects and content of the teacher's file; look for possible logics from the teacher for the ordering of material stored in your file; and systematize his personal archive, seeking the writing of himself contained therein. The documentary research had the theoretical-methodological framework of Gomes (2004); and Artières (1998). The results lead one to believe that, in the process of constitution of the personal archive, the teacher elaborated a representation of itself and constituted its identity.

Keywords: History of education. Pórcia Guimarães Alves (1917-2005). Personal archives. Self-writing.

EL ARCHIVO PERSONAL DE LA PROFESORA PÓRCIA GUIMARÃES ALVES (1917-2005): UN SOPORTE PARA LA ESCRITURA DE SÍ

Resumen

La práctica cultural de componer un archivo personal puede ser demarcada a partir del siglo XVIII, oriunda de la relación que el individuo moderno estableció con sus documentos y la producción de una memoria de sí. Estas acciones se extendieron durante el siglo XIX y el siglo XX, pero fueron impactadas por los cambios ocurridos en la producción de soportes para tal actividad, en las modificaciones en el sector de la comunicación y en la expansión de la práctica de la lectura y la escritura. Nacida a principios del siglo XX, la profesora Pórcia Guimarães Alves constituyó un vasto archivo - conteniendo documentos forjados en los espacios públicos en que frecuentó y otros producidos en su ambiente privado - cuya composición sirvió de soporte material para una escritura de sí de la docente. De esta forma, el artículo buscó responder: Cuál es la escritura de sí, dada a leer, que el ordenamiento y contenido del archivo personal de la profesora Pórcia Guimarães Alves (1917-2005) proporciona? El artículo objetivó analizar la escritura de sí expresada en el archivo personal de Pórcia Guimarães Alves (1917-2005), y delimitó los objetivos específicos en: describir algunos aspectos y contenido del archivo de la profesora; buscar posibles lógicas oriundas de la docente para el ordenamiento del material guardado en su archivo; y sistematizar su archivo personal, buscando la escritura de sí en él contenida. La investigación documental contó con el marco teórico-metodológico de Gomes (2004); y Artières (1998). Los resultados conduce a creer que, en el proceso de constitución del archivo personal, la profesora elaboraba una representación de sí y constituía su identidad.

Palabras clave: Historia de la educación. Pórcia Guimarães Alves (1917-2005). Archivos personales. Escritura de sí.



INTRODUÇÃO

Com as transformações oriundas do mundo moderno, pautadas principalmente nos princípios iluministas de liberdade e igualdade, paulatinamente as noções de indivíduo e suas práticas foram alterando-se. As ações do indivíduo moderno passaram a ser compreendidas como ativas no processo de mudanças da sociedade e os documentos por ele produzidos autorizavam suas práticas e materializavam sua história e dos grupos aos quais pertencia. Esse movimento fez crescer o interesse pelas biografias e autobiografias que passaram a desvelar também as vivências de pessoas ditas como comuns.

De acordo com Gomes (2004), na tentativa de materializar sua história, os indivíduos modernos desenvolveram um conjunto de práticas que passaram a ser denominadas de produção de si no mundo ocidental. Dentre tais práticas culturais, podem-se citar a escrita de si, ou escrita autorreferencial, que derivava também da relação que o indivíduo estabelecia com os documentos que produzia em seu cotidiano. Reiterando:

Essas práticas de produções de si podem ser entendidas como englobando um diversificado conjunto de ações, desde aquelas mais diretamente ligadas à escrita de si propriamente ditas – como é o caso das autobiografias e dos diários –, até a da constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem a intenção de resultar em coleções (GOMES, 2004, p. 11).

Essas ações traduziram-se na composição de arquivos pessoais que transformam os ambientes privados, intuindo a manutenção e a guarda desses acervos que davam significado e legitimavam a memória da vida de indivíduos e grupos a ele relacionados.

A professora Pórcia Guimarães Alves, doravante denominada Pórcia, nasceu na cidade de Curitiba, no ano de 1917, e como indivíduo moderno compôs seu arquivo pessoal. Os aproximadamente 20.000 documentos de tipologias variadas, que compõem seu arquivo pessoal, estão distribuídos em 18 caixas-arquivo, separados por temas que oferecem para interpretação uma possível lógica de arquivamento. Algumas das caixas são dedicadas ao abrigo de cartas, diários, recortes de jornais, revistas, carteiras de clubes, informações de viagens, biografias familiares, entre outros. Em outras caixas, encontram-se documentos oriundos de sua família, de seu período escolar; do tempo de formação docente na escola normal; de seu ingresso e formatura na primeira turma do curso de pedagogia, entre os anos de 1938 e 1941, da Faculdade de Ciências e Letras do Paraná. O arquivo também abriga caixas de documentos produzidos no tempo de atuação profissional da docente na direção do Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais do Paraná, entre os anos de 1952 e 1962; sobre a fundação da Escola Mercedes Stresser, em 1961; sobre a fundação e atividades do Instituto Decroly, entre os anos de 1963 e 1973; além de documentos referentes à atuação de Pórcia como auxiliar e docente da Universidade Federal do Paraná, entre os anos de 1951 e 1982. Seu arquivo, composto de documentos que se referem a seu cotidiano e do grupo ao qual pertencia, pessoal e público, foram doados em vida ao Instituto Histórico e Geográfico



do Paraná (IHGPR). Pórcia, após investir tempo na manutenção e dotar de significados seu arquivo, confiou a proteção de suas memórias a uma instituição privada de guarda, preservação e pesquisa de documentos.

Parte da história dessa instituição pode indicar que não foi aleatória a escolha de Pórcia quanto ao local que abrigaria seu arquivo pessoal. Fundado em 1900, o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (IHGPR) originou-se da organização de um quadro de sócios que se destacavam na cena pública local e, segundo Neundorf (2009), a instituição objetivava tornar os fatos memoráveis e eternizar os filhos ilustres na memória da população. Por essa perspectiva, a possibilidade de manter-se na memória paranaense pode ter interferido na decisão da docente. Sobre a intenção de Pórcia ao deixar seu arquivo pessoal sob a tutela do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (IHGPR), Ribeiro (2018) acredita que era desejo da professora ter seus documentos pesquisados.

O arquivo pessoal de Pórcia foi doado pouco antes de 2005 e o estudo da biografia da professora com o uso desses documentos iniciou-se no ano de 2016. Pollak (1989) salienta que memórias podem ser silenciadas no tempo, mas que ao encontrar um canal de escuta, podem ser a floradas. Por esse prisma, as memórias de Pórcia, refletidas em seus documentos, encontraram a possibilidade de escuta aproximadamente uma década depois. Os documentos dispostos no arquivo pessoal de Pórcia serviram como fonte para a dissertação de mestrado de Ribeiro (2018), que dentro do grande número de materiais e das inúmeras possibilidades de enfoques que ofereciam, priorizou aqueles que refletiam a formação e alguns aspectos da atuação docente de Pórcia.

Dentre as possibilidades de pesquisa que esse acervo oferece, uma delas seria o estudo acerca da composição do arquivo pessoal de Pórcia como uma escrita de si. Na acepção de Gomes (2004, p. 14), “[...] um arquivo pessoal pode ser tratado, ele mesmo, como uma modalidade de ‘produção do eu’” e um exemplar desse tipo de estudo refere-se à pesquisa de Fraiz (1998) quanto à dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais de Gustavo Capanema. Assim, o estudo acerca da composição material e do ordenamento do arquivo, que refletem a escrita de si de Pórcia, materializada em seu arquivo pessoal, objeto de estudo desse artigo, torna-se uma pesquisa inédita com essas fontes.

Portanto, esse artigo procurou responder: Qual a escrita de si, dada a ler, que o ordenamento e o conteúdo do arquivo pessoal da professora Pórcia Guimarães Alves (1917-2005) proporcionam? O estudo objetivou analisar a escrita de si expressa no arquivo pessoal de Pórcia Guimarães Alves (1917-2005) e delimitou os objetivos específicos em: descrever alguns aspectos e o conteúdo do arquivo da professora; procurar possíveis lógicas oriundas da docente para o ordenamento do material guardado em seu arquivo; e sistematizar seu arquivo pessoal, a fim de buscar a escrita de si nele contido. A pesquisa documental contou com o arcabouço teórico-metodológico acerca da escrita de si elaborado por Gomes (2004); e com os estudos sobre memória de Artières (1998).



Justifica-se esse tipo de estudo tanto do ponto de vista das contribuições por ele produzidas para a História da Educação, quanto para a História do Paraná e do Brasil. De acordo com Gomes (2004), para a História da Educação, os estudos que privilegiam os arquivos pessoais possibilitam a compreensão de processos de ensino e de aprendizagem de leitura e escrita e desvelam práticas pedagógicas e vivências escolares não registradas em outras fontes, assim como contribuem para as pesquisas das questões de gênero, uma vez que boa parte do professorado é composto por mulheres. No que tange à História do Brasil, Gomes (2004) enfatiza que poucas pesquisas foram desenvolvidas no intuito de refletir sistematicamente sobre a produção de si por meio dos arquivos pessoais. Além disso, os estudos biográficos podem demonstrar como movimentos pessoais foram constituídos e constituíram as práticas culturais e os meios sociais.

INDIVÍDUO PÓRCIA E A CONSTITUIÇÃO DO ARQUIVO PESSOAL

Considerando que o arquivo pessoal de Pórcia possui documentos institucionais e privados, foram considerados como assertivos alguns entendimentos conceituais acerca dos arquivos. Na acepção de Cunha (2016), os arquivos pessoais são entendidos como o conjunto de papéis, materiais iconográficos e audiovisuais, e objetos que, ao longo da vida, foram acumulados por uma determinada pessoa, sendo a constituição desse acervo inerente à sociedade moderna e constituindo-se em uma forma de escrita do sujeito que arquiva. Lunardelli, Molina e Souza (2013) salientam a distinção conceitual existente entre arquivo e arquivo pessoal, já que para arquivo é atribuído o entendimento de “[...] um ou mais conjuntos de documentos acumulados por um processo natural, no decorrer das atividades de uma pessoa ou instituição” (LUNARDELLI; MOLINA; SOUZA, 2013, p. 37) e, para o termo “arquivo”, adjetivado da palavra “pessoal”, compreende-se como compostos por documentos variados, produzidos ao longo da trajetória de um sujeito e “[...] independentemente das pessoas, coisas, situações que representam, trazem ao presente acontecimentos do passado e que poderão tornar-se fontes de pesquisa para o futuro” (LUNARDELLI; MOLINA; SOUZA, 2013, p. 35). Por esse prisma, há uma distinção entre arquivo e arquivo pessoal.

Outra peculiaridade conceitual é apresentada por Cook (1998). Apesar de haver distinção conceitual amplamente difundida pela proposta arquivística tradicional, entre os arquivos institucionais – compreendidos como acumulações inerentes e necessárias e produtos das atividades administrativas – e os arquivos pessoais – entendidos também como a guarda de documentos oriundos de práticas burocráticas e acrescidos de demais materiais produzidos ou acumulados pelo indivíduo, na tentativa de perpetuar de forma intencional uma determinada imagem e conceber uma verdade intuindo monumentalizar o sujeito –, Cook (1998) considera que determinadas metodologias de avaliação e descrição devem ser comuns para ambos os tipos de arquivo, uma vez que “Recordar, para o indivíduo, é, afinal,



tanto pessoal quanto social, tanto interno quanto externo, tanto privado quanto público.” (COOK, 1998, p. 131). Gomes (2004, p. 12) reitera que as práticas culturais de escrita de si derivam da emergência histórica desse indivíduo moderno, que procura constituir uma “[...] identidade singular para si no interior do todo social, afirmando-se como valor distinto e constitutivo desse mesmo todo”. Por essa perspectiva, a composição dos arquivos combina a guarda de documentos públicos e privados na tentativa de perpetuar a lembrança de um passado e de uma história e, por ter esse fim, está imbuída de intencionalidade. A composição do arquivo de Pórcia revela a tentativa de constituição de uma identidade e de uma história, uma identidade que se constituiu de forma fragmentada e múltipla ao revelar os diversos papéis ocupados pela docente, tanto no âmbito privado quanto no público.

Em meio a esse arquivo, é possível encontrar documentos pautados em dois princípios do individualismo moderno, o de igualdade e o de liberdade. De acordo com Gomes (2004), ambos os princípios são caros à sociedade ocidental e sofrem críticas no que tange à sua real viabilidade, “[...] o da equidade moral e política constrói a ideia de indivíduo ‘abstrato’ e sujeito do contrato social”, enquanto que o “[...] princípio da liberdade, também fundamental ao referido contrato, guarda a ideia de indivíduo singular, ao mesmo tempo único em relação a todos os demais e múltiplo no que diz respeito a seus papéis sociais e possibilidades de realização pessoal” (GOMES, 2004, p. 12). No que se refere ao princípio da igualdade, se de um lado o arquivo pessoal de Pórcia expõe uma mulher em práticas sociais não antes comuns, como a de frequentar e atuar em uma universidade ou ocupar posições de destaque no governo, por outro, também narra as dificuldades ocorridas nessas inserções. No que tange ao princípio da liberdade, os documentos apresentam algumas escolhas da vida da professora, porém estas vinculavam-se às oportunidades oriundas do meio no qual nasceu e das oportunidades proporcionadas pelo Estado. Além disso, também revelam os limites que se tentava impor às escolhas de Pórcia. Isto posto, não há como desconsiderar a interferência desses princípios e suas implicações na constituição do arquivo e da produção de si da professora.

Diante desse indivíduo múltiplo, singular e ao mesmo tempo comum no meio social, de acordo com Gomes (2004), as noções de memória, documento, tempo, verdade e história alteram, assim como interferem, na relação da guarda de documentos e, conseqüentemente, na produção de si. As práticas sociais do indivíduo moderno legitimaram os processos de construção e guarda de uma memória. A partir do reconhecimento do valor do indivíduo, segundo Gomes (2004), foram disponibilizados instrumentos para o registro da sua identidade, como é o caso da disseminação do saber ler, escrever e fotografar, e dessa forma “[...] abriu espaço para a legitimidade do desejo de registro da memória do homem ‘anônimo’, do indivíduo comum, cuja vida é composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si” (GOMES, 2004, p. 13). Memórias e identidade que se refletem nos documentos produzidos e armazenados.

Desde seu nascimento, sua identidade singular, expressa por meio de uma certidão



que legitimou sua existência civil, foi mantida nos arquivos de Pórcia, assim como os jornais que noticiavam socialmente seu nascimento. Por meio, principalmente, dos registros civis e de documentos advindos dos órgãos públicos – materiais que expõem uma determinada constância no que se refere ao nome –, foi possível visualizá-la ocupando o papel ora de filha, ora de voluntária, ora como amiga, ora como rival, ora como aluna, ora como docente funcionária do Estado, ora como diretora de instituições públicas ou privadas, papéis que a fragmentavam socialmente e denotavam identidades parciais e, ao mesmo tempo, singulares. Esses documentos que expõem essa múltipla, descontínua e contraditória Pórcia também a tornavam singular em seu dinamismo e constituíam sua memória, traduzida em tempos diversos.

A constituição do arquivo pessoal de Pórcia explicita uma possível compreensão acerca da noção de tempo. Em contrapartida à fragmentação do indivíduo moderno, de acordo com Gomes (2004), a escrita de si pode proporcionar, ao sujeito, a construção de uma identidade estável e contínua através do tempo, um esforço que pode ser percebido como domínio do tempo à medida que o sujeito atribui significados e ordenamento para o “eu” e que pode ser ressignificado durante o percurso. “Um tempo que contém possibilidades simultâneas, que oferece escolhas e que é experimentado de forma aberta – como presentes e futuros possíveis. Um tempo que, mesmo acreditado como tal, pode não ser vivenciado como de evolução, progresso, aperfeiçoamento” (GOMES, 2004, p. 17). O arquivo pessoal de Pórcia foi constituído durante sua vida e a construção de sua identidade e de sua representação não foi estável durante esse período. A exemplo disso, pode-se considerar a coleção de fotos que integra o arquivo pessoal de Pórcia por longa data, mas que anos antes de ser doada para o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, foi concedida (vendida ou doada) a um sebo local. Nessa ação, com o passar do tempo, Pórcia atribuiu um novo significado e um novo valor para a coleção de fotos, a ponto de considerar outro local para abrigá-las, representando, assim, seu domínio sobre as memórias produzidas no passado, as quais deveriam permanecer em seu arquivo.

Outras considerações sobre o tempo podem ser feitas no que se refere aos suportes materiais utilizados e à quantidade de documentos produzidos em determinados momentos. Apesar do arquivo pessoal de Pórcia estar disposto em caixas de armazenamento padrão, é possível observar a variedade e as mudanças ocorridas nos suportes materiais para a produção de si ao longo do tempo, variações que se refletem nos cadernos, nos tipos de papéis, nos suportes para a escrita, nos envelopes, nos cartões, enfim, nos documentos que constituem o arquivo. Sobre a quantidade de documentos produzidos em determinados momentos, Gomes (2004, p. 18) salienta que “[...] a escrita de si estabelece uma relação de domínio do tempo que está determinada por seus objetivos e pela sensibilidade que a provoca”. Por esse prisma, alguns momentos, considerados mais excepcionais do que outros, demandam maior produção de documentos oriunda do indivíduo que a produz. No arquivo de Pórcia, esses momentos puderam ser percebidos no volume de cartas escritas em



momentos de viagens – para estudos ou lazer – em ocasiões em que sua sensibilidade se encontrava mais aflorada ou mesmo em seu período de ascensão profissional, assim como nos registros de tempos ordinários e cotidianos em determinados períodos, os quais foram assinalados com mais frequência que outros. Dessa forma, estabelecer relações entre o tempo, o suporte e o volume torna-se uma promissora análise da escrita de si.

Por conta dessa possibilidade da construção de memória é que os arquivos pessoais podem ser entendidos como escrita de si. Para Le Goff (2013), a produção, o arquivamento e a manutenção desses materiais de memória estão repletos de intencionalidades de quem os criou e representam interesses de grupos na construção de uma determinada ideia de passado. Artières (1998) chama de arquivar a própria vida a prática de construção de memória que se constitui no ato de organizar, desorganizar e reclassificar os documentos que compõem a existência individual, ações que refletem na constituição de uma determinada imagem para si e para os outros. No entendimento de Cunha (2016), nos documentos e nos objetos autobiográficos que constituem o arquivo pessoal está implícita, de forma material, uma proposta de leitura que se relaciona com a imagem que o indivíduo queria representar de si mesmo. Desse modo, a escrita de si expressa nos documentos e na composição do arquivo conecta-se com a tentativa do indivíduo de produzir uma imagem de si para os outros.

Sobre a questão da relação do texto com o autor, Gomes (2004) explica dois pensamentos postulados e um terceiro que vem se consolidando. Um deles trata da ideia de que “[...] o texto é uma ‘representação’ de seu autor, que o teria construído como forma de materializar uma identidade que quer consolidar”; o outro paira no “[...] entendimento de que o autor é uma ‘invenção’ do próprio texto”; e um terceiro pensamento que vem se consolidando “[...] considera que o autor não é nem ‘anterior’ ao texto, uma ‘essência’ refletida por um ‘objeto’ de sua vontade, nem ‘posterior’ ao texto, um efeito, uma invenção do discurso que constrói”, mas sim “[...] que a escrita de si é, ao mesmo tempo, constitutiva da identidade de seu autor e do texto, que se criam simultaneamente, através dessa modalidade de ‘produção do eu’” (GOMES, 2004, p. 16). Por consequência, as ações da escrita de si incitam a reflexão e a atribuição de valores e significados especiais para a própria pessoa e para o mundo que a rodeia, que estimulam a produção de uma representação do indivíduo, ao mesmo tempo em que auxiliam no processo de constituição de uma identidade para esse sujeito.

Ribeiro (2018) atestou a importância do arquivo na formação da professora. Com a morte de seu pai, Pórcia herdou os arquivos da família, que continham as memórias genealógicas, cartas enviadas por Pórcia, documentos comerciais e jurídicos, entre outros, e com eles a incumbência de guarda, manutenção e perpetuação. Por meio desses arquivos, Pórcia construiu as memórias de seus antepassados e exacerbou grandes feitos por eles praticados. Nessas ações de visita aos arquivos, a docente transportava-se para outro tempo e, a partir das figuras que construía de seus familiares, constituía sua identidade e seu anseio de tornar-se díspar como os personagens que ela havia idealizado. Nesse sentido, os



documentos contidos nos arquivos e o valor atribuído a essas memórias foram relevantes no processo constitutivo de Pórcia.

Nesse processo de constituição de memória, Le Goff (2013) considera que o documento se torna portador de uma verdade ou de uma representação do passado que o indivíduo que o compôs tentou impor. Justamente por meio da percepção de que os documentos são repletos de memórias dadas a ler, é que se deve buscar os significados explícitos e implícitos na composição, guarda e ordenamento do arquivo. Por meio da compreensão da organização do arquivo pessoal de Pórcia, é possível perceber sua verdade, suas crenças e sua sensibilidade diante dos acontecimentos vividos por ela. Gomes (2004, p. 13) atenta para a questão de que, na cultura das sociedades modernas ocidentais, “[...] a noção de verdade passa a ter um forte vínculo com as ideias de foro íntimo e de experiência de vida dos indivíduos, ambas marcantes para as definições de conhecimento e ética próprias ao individualismo”. Isso implica que a ideia de verdade não mais se esgota na verdade dita como “factual” e passa a ser compreendida como uma verdade plural e subjetiva, que abriga a verdade dos fatos e a sinceridade do indivíduo que se produz. Por isso, a escrita de si:

[...] assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, constituindo sobre ela a ‘sua verdade’. Ou seja, toda essa documentação de ‘produção do eu’ é entendida como marcada pela busca de um ‘efeito de verdade’ [...], que se exprime pela primeira pessoa do singular e que traduz a intenção de revelar dimensões ‘íntimas e profundas’ do indivíduo que assume autoria. (GOMES, 2004, p. 14).

O arquivo pessoal de Pórcia, uma expressão do “eu” e de sua verdade, foi organizado e investido de sentidos simbólicos que revelam características de um eu público e outro privado, que por vezes se mesclam e se amalgamam.

OS EUS DE PÓRCIA EXPRESSOS NO ARQUIVO

Pórcia dedicou tempo à constituição de seu arquivo, de forma que tal organização contribuiu para a identificação dos temas priorizados. São caixas-arquivo de papelão, com dimensões de 14 cm de largura, 35 cm de comprimento e 25 cm de altura. Todas as caixas-arquivo seguem o mesmo padrão e trazem a informação do local no qual foram adquiridas, qual seja, a papelaria João Haupt & Cia., empresa fundada em 1912, que objetiva prestar serviços de livraria e papelaria. É possível que o suporte do arquivo tenha sido padronizado em um dado momento posterior ao início de sua constituição.

Nas 18 caixas, doadas ao Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (IHGPR), Pórcia acrescentou descritivos dos documentos nelas contidos, o que proporcionou a parcial identificação e a sistematização dos temas abordados. Esses descritivos, escritos com letra cursiva, em folhas do tipo A4, denominavam sucintamente os documentos guardados e separados em pacotes plásticos. Cabe ressaltar que, em algumas caixas, é possível encontrar



mais de um desses descritivos, mas nem sempre todos os arquivos contidos nas caixas estavam relacionados.

A professora numerou suas caixas-arquivo durante a composição, mas posteriormente selecionou quais seriam relevantes na sua escrita de si, ação que se exteriorizou na numeração das caixas disponíveis para consulta. Em cada caixa existe uma numeração que fora estipulada pela professora, o que leva a acreditar que existiram 78 caixas-arquivo, entretanto, a docente doou ao Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (IHGPR) apenas as caixas de número 1, 2, 3, 4, 5; 40, 41, 45; 51, 54, 56, 57, 58; 61, 64, 66; 72, 78. Esses dados indicam que é possível que antes de doá-las, a professora tenha escolhido quais caixas melhor traduziriam sua pessoa.

Não se pode pensar em uma ação extremamente calculada, entretanto, sabe-se que anos antes de sua morte, a professora voltou-se a seus arquivos e refletiu sobre quais documentos eram importantes e que poderiam ser expostos para uma possível biografia. A escolha de documentos, os cuidados com a identificação e a dedicação à construção do arquivo expõem uma Pórcia organizada e metódica, que fez da construção de seu arquivo uma autobiografia.

Considerando a proposta de Bardin (2015), após a análise dos temas expostos nas caixas-arquivo e a consulta aos estudos teóricos acerca da escrita de si, foram elaboradas categorias para o tratamento e a interpretação dos dados. Dessa forma, após a verificação dos temas e dos documentos dispostos nas 18 caixas-arquivo, pode-se classificá-las em duas categorias denominadas *eu introspectivo* e *eu público*. A categoria *eu introspectivo* abriga as caixas com documentos que revelam os de âmbito familiar, de cunho autobiográfico propriamente dito e de atividades que visavam sua sensibilidade pessoal. A categoria *eu público* foi constituída por caixas que guardam materiais que expõem Pórcia e suas atividades no contexto público, com ênfase as suas atividades profissionais.

Muitos documentos podem transitar nas duas categorias, mas a ênfase dada no momento da classificação foi para a composição de cada caixa. É preciso deixar claro que, de forma alguma, essas categorias são fechadas em si, de maneira que alguns documentos que poderiam ser classificados como mais pessoais ou mais sociais encontram-se em categorias distintas. O que importa é que no momento da classificação, os documentos que mais se evidenciavam em cada caixa serviram para classificar a história da professora em uma das duas categorias. As duas categorias foram criadas intuindo encontrar e sistematizar um possível ordenamento da escrita de si proposta pela docente. A apresentação dessas duas categorias, que acontecerá na sequência, não procurou exaurir todo o volume de documentos contidos nas caixas, mas apresentar alguns exemplares e sua possível relação com a escrita de si da professora.

PÓRCIA E SEU EU ISNTROSPECTIVO



Na categoria *eu introspectivo* foram classificadas sete caixas-arquivo, dentre as quais, cinco com documentos herdados do acervo composto por seu pai e duas constituídas pela própria professora.

Os documentos que compõem as caixas-arquivo herdadas de seu pai foram englobados nessa categoria, pois expõem parte da vida familiar de Pórcia e representam a escolha da docente em manter tais documentos nos arquivos posteriormente doados ao Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Acredita-se que os arquivos familiares de Pórcia significavam para a professora um momento de imersão no passado, que se tornava presente por meio das reflexões que proporcionavam e que a impulsionavam a projetar um futuro. Por essa perspectiva, a introspecção não estava desconectada da Pórcia social, uma vez que seus momentos de reflexão do passado constituíam-na no presente e influíam em suas ações e escolhas. Outro ponto que necessita aqui ser observado é que essa possibilidade de visitar o passado, em qualquer momento do presente, foi possibilitada pelo pai, primeiro mantenedor do arquivo. Nesse sentido, o pai atuou como um produtor de memórias, que possibilitou, a Pórcia, a inserção e novas significações de seu passado, demonstrando um *eu herdado*.

Sobre as cinco caixas-arquivo repletas de documentos que possivelmente haviam sido guardados por Orestes Augusto Alves, pai de Pórcia, uma delas continha recortes de jornal de momentos representativos brasileiros, veiculados entre os anos de 1927 e 1949. Outra caixa continha documentos topográficos do Paraná, com registros descritivos de algumas regiões. Uma terceira caixa-arquivo, mantida separada das demais no Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, contém documentos relativos a Manoel Antônio Guimarães, Visconde de Nacar, bisavô de Pórcia. Nessa caixa-arquivo, todos os documentos estão ligados a Visconde de Nacar e sua família. Há a genealogia, cartas enviadas do Império, documentos que relembram a visita de Dom Pedro II à residência do Visconde de Nacar, estudos sobre o brasão, descrição de atividades comerciais, recortes de jornais de períodos distintos e biografias variadas. Também se encontram biografias, em narrativas bastante tradicionais, que Pórcia ousou fazer, de parte de familiares maternos. Por essa caixa-arquivo, compreende-se que mesmo que os documentos revelem um *eu introspectivo* de Pórcia, também se percebe a necessidade de a docente vincular sua pessoa a seu antepassado nobre.

Uma quarta caixa-arquivo expõe parte da vida de Orestes Augusto Alves, com documentos que revelam detalhes sobre sua mãe e suas atividades como professora no século XIX, sua escolaridade, seu tempo como funcionário do Estado, registro de imóveis, seu testamento, suas correspondências, sua movimentação geográfica, parte de suas transações comerciais e suas atividades profissionais. Estima-se que tais documentos proporcionavam, a Pórcia, materializar a figura de seu pai e ao torná-lo real, sua existência adquiria significados e sentidos. Em Ribeiro (2018), fica explicitada a presença de Orestes em diversos momentos da vida de Pórcia, o que reafirma a ideia da importância de materializar e expor a figura paterna por meio de sua escrita de si.



Em uma quinta caixa-arquivo, a importância do pai evidencia-se. Nessa caixa-arquivo estão dispostos os documentos institucionais oriundos da vida escolar de Pórcia, que demonstram o percurso percorrido pela professora desde o jardim de infância até o curso da escola normal. Além disso, nessa caixa-arquivo, encontram-se as correspondências que Orestes recebia, boa parte delas oriunda de Pórcia. As cartas foram escritas entre o período de 1939 e 1958, em momentos em que a professora se ausentava de sua residência em prol de cursos e momentos de lazer, no Brasil e no restante do mundo. As epístolas oferecem ordenamento, por meio de páginas numeradas, e exprimem o cuidado de Pórcia na escolha do papel usado, revelando os lugares de onde escreveu e o volume, quase que diário, que escrevia. Os temas variam entre sentimentos de saudades do pai e exaltação de sua autonomia; entusiasmo tanto para os cursos relativos à educação quanto para cursos de dança ou poesia; abordavam questões financeiras; momentos de lazer; seus olhares sobre o mundo e suas culturas; falava do tempo, da paisagem, da comida, sobretudo, explicitava a proximidade e a intimidade que tinha com o pai. Gomes (2004) menciona a relação que se estabelece entre o remetente e o destinatário, já que as memórias são produzidas pelo remetente que narra, mas ao enviá-las, caberá ao destinatário a escolha de guardá-las. Orestes, além de guardar as cartas que recebia da filha, prestou-se ao trabalho de arquivar algumas cópias que enviava, nas quais são expostas algumas preocupações quanto aos estudos, recomendações comportamentais, assuntos cotidianos, evidenciando-se o carinho dele por sua primogênita. Talvez seja nessas cartas que o eu introspectivo de Pórcia torne-se bastante evidente, mesmo considerando, como adverte Gomes (2004), que tenha existido uma contenção na elaboração dessa narrativa e que as epístolas, assim como toda a escrita, nunca sejam espontâneas. De toda maneira, essas cartas revelam uma sinceridade e a sensibilidade de Pórcia quanto aos acontecimentos que estavam sendo vividos. Por meio dessas cartas, é possível visualizar uma jovem corajosa, que desde a década de 1930 aventurava-se em percorrer o mundo e a buscar novos conhecimentos com a convivência de seu progenitor.

Compondo a categoria *eu introspectivo*, uma sexta caixa-arquivo acomoda pesquisas históricas feitas pela docente. Nessa caixa, encontram-se documentos que revelam que a docente recolheu depoimentos orais para a constituição da história de um edifício da cidade. Esses documentos foram classificados como *eu introspectivo* por tratar-se de uma atividade que se vinculava a um prazer individual da docente e que não se conectavam com as demais atividades profissionais que ela desenvolveu.

Uma sétima caixa-arquivo, que fora classificada para compor a categoria *eu introspectivo*, abriga, dentre outros, diários, cartas, folhetos de exposição de artes e ensaios de textos literários. No que se refere aos diários, são dois cadernos, datados entre os anos de 1940, 1941 e 1942, em que a docente escrevia diariamente. Dos temas que compunham essa narrativa, destacavam-se seus dilemas amorosos, sua percepção sobre os costumes que perpassavam gerações e sua vontade de adquirir autonomia financeira. Uma narrativa que



evidencia o indivíduo moderno e sua característica contraditória e demonstra palavras conservadoras e progressistas em um mesmo aglomerado de papéis. Nessa caixa também se encontram aproximadamente 60 folhas descritas como “cartas para um certo advogado”. Nessas páginas, fica evidenciado seu conflito entre o moderno e o tradicional. Além disso, outros documentos que valem comentar são os ensaios literários de Pórcia, crônicas elaboradas pela docente e que envolvem as dinâmicas diárias. No entendimento de Gomes (2004), a escrita de si e, conseqüentemente, os diários, exigem tempo, disciplina e reflexão e tornam-se um ato terapêutico. Por essa perspectiva, esses documentos, com teor propriamente dito autobiográfico, também representam a reflexão de Pórcia sobre seu cotidiano, o *eu introspectivo* que medita sobre suas ações passadas e presentes e pode lançar para o futuro um *eu ressignificado*.

O EU PÚBLICO DE PÓRCIA

No que se refere à categoria *eu público*, foram identificadas 11 caixas-arquivo. Sobre um maior volume de produção de documentos, Gomes (2004) explica que a escrita de si referente ao tempo profissional pode originar mais materiais do que aqueles oriundos da vida cotidiana. Nos arquivos pessoais de Pórcia, essa diferença pode ser observada, já que das 18 caixas-arquivo, 11 delas referem-se a documentos oriundos do ambiente profissional e as relações nele implícitas.

Três caixas-arquivo da categoria do *eu público* contêm documentos referentes à formação docente de Pórcia. Uma das caixas-arquivo contém documentos referentes à fundação da Faculdade de Ciências e Letras do Paraná, no ano de 1938; a memórias quanto ao curso e à composição da primeira turma do Curso de Pedagogia, do qual a professora fez parte; documentos que demarcam a fundação do Diretório Estudantil e da Associação dos ex-alunos da Faculdade de Ciências e Letras do Paraná; anotações de aulas, entre outras. Outra caixa-arquivo guarda os certificados e alguns materiais dos cursos realizados pela docente, cursos que variam desde os realizados na Universidade do Chile, ou na Universidade de São Paulo, até cursos de forno e fogão ou micro-ondas. Uma terceira caixa-arquivo acomoda materiais relativos aos congressos de que Pórcia participou e, dentre os documentos, existem cronogramas, textos apresentados, bilhetes trocados durante os eventos, inscrições e recortes de jornais que noticiavam essas reuniões. Estima-se que a escolha em perpetuar esses documentos em seu arquivo pessoal, por parte de Pórcia, refletem a necessidade de enfatizar não apenas um *eu público*, mas um *eu em formação constante*, que buscava conhecimentos em cursos e junto aos demais agentes que o produziam.

Na categoria *eu público*, 6 das 11 caixas-arquivos referem-se à trajetória de Pórcia. Nelas, encontram-se documentos referentes à instalação e às atividades desenvolvidas pela professora quando esteve na direção do Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais do Paraná, entre os anos de 1952 a 1962; históricos, cartas e relatórios referentes à fundação da

Escola Mercedes Stresser, em 10 de abril de 1961, projeto implantado sob a orientação da professora, com uma equipe de profissionais e pelo grupo de senhoras que compunham a Associação de Assistência ao Psicopata do Paraná e Liga das Senhoras Católicas; informações, relatórios, memoriais e testes aplicados no Instituto Decroly – complexo que abrigava jardim de infância, escola para superdotados, clínica psicológica e prestava serviço de orientação e seleção profissional –, instituição fundada por Pórcia no ano de 1963, a qual dirigiu até o ano de 1973; documentos referentes à atuação de Pórcia como auxiliar e docente da cadeira de Psicologia Educacional da Universidade Federal do Paraná, entre os anos de 1951 e 1982; e materiais oriundos do Conselho Regional de Psicologia. Essa composição de documentos de Pórcia reflete um *eu público*, docente, psicóloga e empreendedora.

Outras duas caixas-arquivo da categoria *eu público* descortinam um *eu reconhecido*, a partir de uma caixa que continha revistas com menções a Pórcia e outra que continha o currículo e as homenagens recebidas pela professora. Uma das caixas-arquivo abriga 24 periódicos – jornais, revistas – que fizeram menção ao nome de Pórcia vinculando-o às questões da Educação no Paraná; debates acerca da Psicologia; utilizando-a como exemplo de liderança feminina, ou ainda ligada à sociedade curitibana. A exemplo dessas menções, citam-se a matéria veiculada na publicação bimestral do Conselho Regional de Psicologia: “Pórcia Guimarães foi a única paranaense referendada no livro *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil*” (CONTATO, 2002, p. 9) e a publicação do *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil*: “Tornou-se, em sua incansável trajetória, símbolo de luta pela Psicologia brasileira e, especialmente, a paranaense. [...] lecionou durante 45 anos do curso primário ao curso superior, 30 deles dedicados à Psicologia da Educação” (CELLA, 2001, p. 40). Esses periódicos, assim como os outros que mencionaram Pórcia, além de demonstrarem que a docente tinha uma voz autorizada a falar de determinados assuntos, materializavam-na por meio das fotos que veiculavam, a exemplo da Figura 1.



Figura 1 – Pórcia Guimarães Alves, aos 85 anos
Fonte: Foto veiculada na revista Contato (2002).



Dentre as caixas-arquivo da categoria *eu público*, outra apresenta documentos que denotam o *eu reconhecido* de Pórcia. Nessa caixa, encontram-se, dentre outros documentos, a última versão de seu *curriculum vitae*, elaborado em 1999, que continha 62 páginas, assim como as provas materiais das homenagens que a professora recebeu durante sua trajetória profissional, a destacar a placa de prata, homenagem dos Psicólogos do Paraná, no ano de 1979; a homenagem dos professores do Centro Educacional Guaíra, em 1980; a homenagem da Escola Mercedes Stresser, pelos 25 anos de fundação, em 1986; o título de “Vulto Emérito”, concedido pela Câmara Municipal de Curitiba, em 1990; e o título de “Professor Emérito”, da UFPR, em 1992. Essas homenagens certificadas expõem o reconhecimento que Pórcia recebeu publicamente por sua atuação profissional e revelam o período da vida da professora em que esse reconhecimento foi alcançado e postergado na memória da docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise do arquivo pessoal de Pórcia Guimarães Alves (1917-2005), foi possível perceber que a escrita de si da professora expõe documentos oriundos tanto de seu ambiente privado quanto público e que de forma alguma tornam-se antagônicos. Nessa escrita de si, Pórcia mostra-se como um indivíduo fragmentado nos diversos papéis que ocupou – filha, aluna, professora, diretora, empreendedora, amiga etc. – da mesma maneira como revela que essa fragmentação a torna singular e com valores ímpares.

A fragmentação do indivíduo Pórcia foi materializada nos documentos que produziu, advindos tanto dos múltiplos papéis que ocupou, quanto da sociedade moderna em que viveu. Esses documentos tornaram-se fontes de memória, com as quais se produziu uma escrita de si. Nessa produção de si, por meio dos arquivos, Pórcia apresentou certo domínio do tempo à medida que manipulava, reorganizava e ressignificava as memórias dispostas nos arquivos, ações essas que expressavam sua verdade. Uma verdade compreendida como sincera, à medida que propagava a sensibilidade de Pórcia frente aos acontecimentos de sua vida. Na construção dessa escrita de si por meio dos arquivos, ao mesmo tempo em que Pórcia constituía uma imagem de si, atribuindo-lhe valor para si e para os outros, refletindo e revivendo acontecimentos passados, também constituía sua identidade, que não permaneceu estável ou constante.

Pode-se perceber que a professora imbuíu a construção do arquivo a partir de uma determinada lógica. Ele expressa ordem numérica, descritivo de conteúdos, separa documentos públicos e privados, certificações e instituições. Além disso, é perceptível o tempo e a dedicação da docente na produção, na guarda e na manutenção do arquivo.

Da organização oriunda da constituição do arquivo pessoal, compreendida por uma escrita de si, categorizaram-se prováveis *eu*: *eu introspectivo* – subdivido em um *eu herdado* e um *eu autobiográfico*; e um *eu público* – subdivido em um *eu em formação constante*, um



eu docente, psicóloga e empreendedora, e um eu reconhecido. Com a junção de todos esses “eus” expressos em sua escrita, percebe-se a necessidade de Pórcia de perpetuar-se como um *eu* que teve seu valor no contexto em que viveu e, portanto, digna de ser lembrada.

REFERÊNCIAS:

- ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, jul. 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>>. Acesso em: 20 nov. 2017.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Portugal: Edições 70, 2015.
- CELLA, S. M. R. Pórcia Guimarães Alves (1917-). In: CAMPOS, R. H. F. (Org.). **Dicionário biográfico da psicologia no Brasil: pioneiros**. Rio de Janeiro: Imago; Conselho Federal de Psicologia, 2001. p. 39-41.
- CONTATO. Avanços e desafios. **Contato**: Publicação bimestral do Conselho Regional de Psicologia do Paraná, Curitiba, v. 23, n. 114, p. 08-09, 2002.
- COOK, T. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 129-149, jul. 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2060>>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- CUNHA, M. T. S. Acervos pessoais de educadores: do traçado manual ao registro digital. In: ANPED SUL, 11., 2016, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: Reunião Científica Regional da ANPED; UFPR, 2016. jul. 26-29. ISBN 978-85-8465-013-2. Disponível em: <<http://www.anpedsul2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2015/11/Eixo-1-História-da-Educação.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- FRAIZ, P. A dimensão autobiográfica dos arquivos de Gustavo Capanema. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 59-87, jul. 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2060>>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- GOMES, A. C. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, A. de. C. (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 7- 26.
- LE GOFF, J. **História & memória**. 7. ed. São Paulo: Ed. da Unicamp, 2013.
- LUNARDELLI, R. S. A.; MOLINA, L. G.; SOUZA, R. P. Arquivos pessoais: uma pesquisa bibliográfica a respeito do tema. In: LUNARDELLI, R. S. A.; ARAUJO, N. C. de; VIGNOLI, R. G. (Org.). **Arquivologia: saberes docentes e discentes**. Londrina: Ed. da Eduel, 2013. p. 33-50.
- NEUNDORF, A. **Intelectualidade, fronteiras e identidade**. 2009. 192 f. Dissertação



(Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://biblioteca.digital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 27 out. 2017.

RIBEIRO, A. F. M. **Adentrando aos arquivos: formação e aspectos da atuação docente de Pórcia Guimarães Alves (1917-1962)**. 2018. 199 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2018.

Notas

¹ Licenciada em Pedagogia, bacharel em Direito, mestre em Gestão de Instituições de Educação Superior, mestre em Educação, doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Editora da Revista Diálogo Educacional – PUCPR. E-mail: alboni@alboni.com

² Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Bacharel em Administração. E-mail: alexandrafmribeiro@gmail.com

Submetido em: 08/04/2018

Aprovado em: 31/05/2018

Publicado em: 22/06/2018